

MÍRIAM LEITÃO



ALVARO GRIBEL E MARCELO LOUREIRO (INTERINOS)

Sempre ela

Contar mais

O IBGE divulgou ontem o primeiro indicador de atividade do quarto trimestre, e o número decepcionou. A indústria ficou estagnada em outubro. No ano, tem queda de 3%, com alta em apenas três meses. Passados os efeitos paralisantes da Copa do Mundo, pouca coisa mudou. A indústria não aumenta as exportações e sente a perda de fôlego do consumo e dos investimentos.

A previsão para o crescimento do PIB em 2015 é de apenas 0,77% pelo Boletim Focus. O pior é que, para se chegar a esse número baixo, as consultorias e instituições financeiras pesquisadas pelo Banco Central projetam um aumento da produção industrial de 1,13% no ano que vem. Ou seja, o resultado depende de uma recuperação da indústria. É importante, portanto, que esse final de ano seja forte para que o setor entre em janeiro embalado.

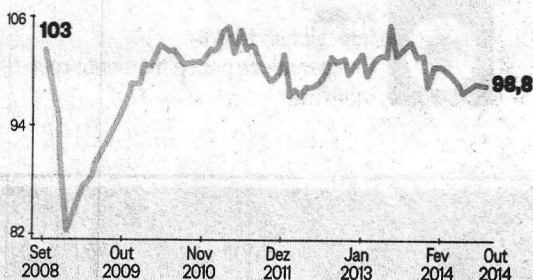
Os problemas na indústria acontecem em três frentes. Internamente, o consumo das famílias tem ficado mais fraco, mês após mês. O comércio ampliado, que em janeiro crescia em um ritmo de 3,4% em 12 meses, chegou a setembro com retração de 0,1%. A mesma coisa aconteceu com os investimentos. Os dados da Formação Bruta de Capital Fixo no terceiro trimestre foram os menores desde 2006.

No lado externo, os números mostram que não é só a queda do preço das commodities que explica o déficit comercial no ano. As exportações de produtos industrializados caem 10,3% de janeiro a novembro. Uma perda em receita de US\$ 12 bilhões. As vendas externas caíram de US\$ 111,8 bilhões para US\$ 99,8 bi. A Argentina, em crise, é uma das causas do mau resultado, mas a verdade é que o Brasil está pouco competitivo internacionalmente, mesmo com a desvalorização do real.

A indústria, hoje, produz 4% a menos do que em setembro de 2008, quando teve início a crise financeira internacional. Com o aumento dos juros por parte do Banco Central, a perspectiva de corte de gastos do governo, e a disparada do preço da energia elétrica, há pouca esperança de uma recuperação mais forte à frente. O risco é caírem ainda mais as projeções. ●

INDÚSTRIA: SEIS ANOS DE CRISE

Produção é 4% menor que em setembro de 2008



(Índice de base fixa 2012=100, com ajuste sazonal)

Fonte: Banco ABC Brasil e IBGE

Editoria de Arte